

Informativo Econômico 14/2026

Etanol de milho pressiona demanda por biomassa florestal no Centro-Oeste, mas Mato Grosso do Sul parte na frente

A análise sobre a demanda de biomassa florestal e dados oficiais da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (Semadesc-MS) e da Aprosoja/MS, através do projeto SIGA-MS, para responder a uma pergunta direta do produtor: o Estado tem madeira suficiente para abastecer as usinas de etanol de milho que vêm se instalando em Mato Grosso do Sul? Segundo o levantamento do Itaú BBA Consultoria Agropecuária, o retrato que emerge é o seguinte: diferente do Mato Grosso, onde a expansão do etanol de milho está gerando um déficit projetado de centenas de milhares de hectares de eucalipto, o MS parte de uma base florestal já madura, construída por mais de uma década de indústria de celulose. Isso não elimina o desafio, mas muda o ponto de partida de quem produz milho no Estado.

Por que uma usina de milho precisa de floresta

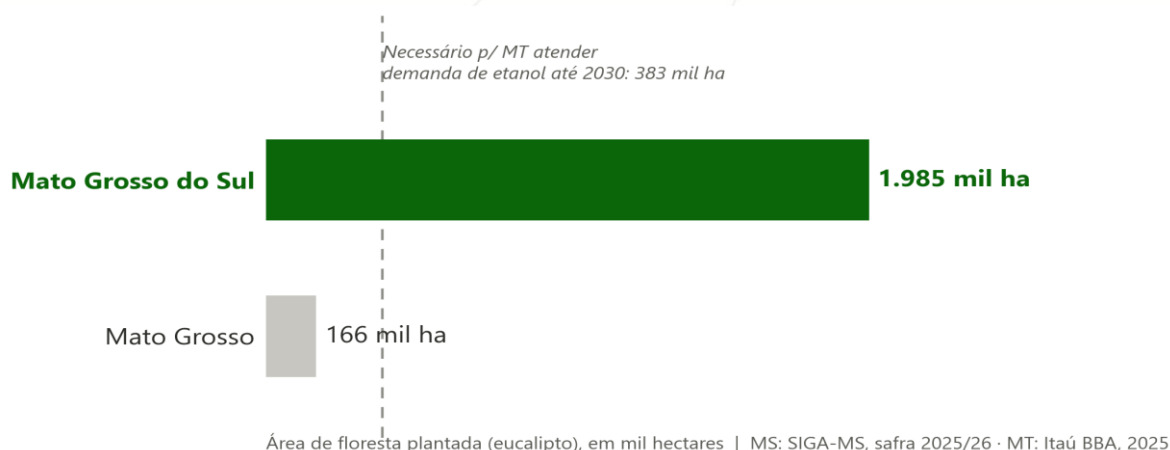
Diferente da cana-de-açúcar, que deixa bagaço depois da moagem para alimentar a própria caldeira, o milho não deixa fibra para queimar. Toda usina de etanol de milho precisa comprar, plantar ou contratar biomassa externa, quase sempre cavaco de eucalipto, só para gerar o vapor e a energia da destilação. A regra de bolso do setor: cerca de meia tonelada de cavaco para cada tonelada de milho processada. É essa conta, multiplicada pelo tamanho da usina e pela distância até a floresta mais próxima, que vem definindo onde a expansão do etanol de milho anda mais rápido, e onde ela esbarra em gargalo.

O estouro em Mato Grosso

É o caso do Mato Grosso que colocou biomassa na pauta nacional do agronegócio. Segundo estudo do Itaú BBA, atender a capacidade de etanol de milho projetada para o estado, de 6,9 bilhões para 11,9 bilhões de litros entre 2025 e 2030, exigiria cerca de 383 mil hectares de eucalipto plantado. O Mato Grosso tinha apenas 165,6 mil hectares no fim de 2025: um vão de 218 mil hectares de novas florestas energéticas, que pode chegar a 572 mil hectares em cenários de menor eficiência das usinas. O investimento estimado para fechar essa conta varia entre R\$ 7,6 bilhões e R\$ 14,3 bilhões ao longo de um ciclo de 13 anos, e em algumas regiões o frete da madeira já custa mais do que a própria madeira. Em junho de 2026,

governo estadual e Ministério Público fecharam um Termo de Compromisso Ambiental limitando o uso de biomassa nativa a 40% até 2034 e eliminando essa fonte a partir de 2035.

Gráfico 01 – Área de floresta plantada em MT e MS frente à demanda projetada de etanol de milho (mil hectares)



Elaboração: com dados do Itaú BBA Consultoria Agropecuária (MT) e SIGA-MS (MS).

E Mato Grosso do Sul, está servido de biomassa?

A resposta curta é: por enquanto, sim, por um motivo estrutural que Mato Grosso e Goiás não têm. Reportagens do setor descrevem os dois vizinhos como estados sem tradição histórica de produção de eucalipto. Mato Grosso do Sul é o oposto: segundo o SIGA-MS (Aprosoja/MS), o Estado somava 1.985.020 hectares de eucalipto plantado na safra 2025/2026, alta de 15,2% sobre a safra anterior e de quase 75% desde 2020/2021, erguidos ao longo de mais de quinze anos para abastecer as fábricas de celulose de Três Lagoas; Suzano e Eldorado Brasil. O setor florestal já responde por mais de 10% do PIB estadual e 90 mil empregos: uma cadeia de fornecedores, viveiros, colheita e logística que a indústria do etanol de milho pôde acessar pronta, em vez de criar do zero.

A usina de Maracaju, do grupo Cerradinho, é só um dos sinais de planejamento prévio: a diretoria da empresa afirma ter garantido massas florestais e bagaço com anos de estoque à frente. A Inpasa, que opera em Sidrolândia e Dourados, mantém base florestal própria e programas de fomento com produtores parceiros, modelo que a própria Inpasa também usa em Mato Grosso, via contrato plurianual com a silvicultora JFI. Desde 2022, o Estado isenta o ICMS sobre cavaco de madeira, justamente para destravar a geração de energia a partir de biomassa. E o balanço energético já mostra sobra, não escassez: só as fábricas de celulose de

Três Lagoas entregam juntas mais de 370 megawatts a partir de biomassa florestal (Suzano com cerca de 150 MW e Eldorado com cerca de 226 MW, que também vende excedente).

Isso não é motivo para relaxar. A madeira de melhor grau já tem dono: o eucalipto de qualidade celulose está comprometido com Suzano e Eldorado, e o que sobra para energia das usinas de milho é, em boa parte, resíduo, ponta e desbaste, não a árvore inteira. O número de usinas de etanol de milho no Estado está saindo de quatro para pelo menos seis nos próximos anos, com a Atvos anunciando plantas em Nova Alvorada do Sul e Costa Rica, somadas à Pioneiras, já instalada em Jaraguari, cada usina nova soma demanda local por cavaco. E, diferente do Mato Grosso, ainda não existe um estudo público medindo o déficit ou o superávit específico de biomassa energética em MS: a conta pode fechar hoje e apertar daqui a três ou quatro safras, à medida que as usinas se expandem. Frete continua sendo o fator decisivo, mesmo com floresta abundante no Estado, a distância entre talhão e usina define o custo, e municípios mais distantes do eixo florestal de Três Lagoas e Ribas do Rio Pardo podem sentir aperto antes do Estado como um todo.

Comparativo entre os estados produtores

O quadro abaixo resume a situação de biomassa nos principais estados produtores de etanol de milho do país:

Quadro 01 - Usinas, produção e base de biomassa por estado produtor de etanol de milho

Estado	Usinas de milho	Produção / capacidade	Base de biomassa	Situação
MT	10 em operação +18 anunciadas	6,9 bi L → 11,9 bi L até 2030	165,6 mil ha de eucalipto	Déficit
MS	4 em operação +2 anunciadas	2,13 bi L na safra 2025/26 (20,9% do país)	1,99 milhão ha de eucalipto (SIGA-MS) safra 2025/26 · +15,2% a.a.	Segura, por ora
GO	7 em operação	Parte dos ~85-90% do etanol de milho do Centro-Oeste	Sem tradição de eucalipto bagaço próprio + cavaco complementar	Aperto em formação
PR	Em construção (Coamo, Campo Mourão)	765 mil L/dia (~600 mil t milho/ano)	Região com usinas de cana ativas fornecimento florestal a estruturar	Estágio inicial
RS	1ª usina multigrãos em obras (Be8, Passo Fundo)	220 milhões L/ano (milho, trigo, triticale, arroz, sorgo)	Histórico de baixa oferta por custo logístico regional	Nascente

Fontes: Itaú BBA Consultoria Agropecuária; SIGA-MS - Aprosoja/MS; Semadesc-MS; CNA Brasil; The AgriBiz; Correio do Estado; Campo Grande News.

O que muda para o produtor de milho de MS

Mais usina é mais comprador dentro do Estado. Cada planta nova, caso da Atvos em Nova Alvorada do Sul, processa centenas de milhares de toneladas de milho por ano perto da porteira, reduzindo o frete até o comprador e aumentando a concorrência local pelo grão.

Os coprodutos voltam para a cadeia local. Só a planta de Sidrolândia já produz 480 mil toneladas por ano de DDGS e 46 mil toneladas por ano de óleo de milho, insumo de ração mais barato para pecuária e confinamento na região.

Floresta como renda extra é um caminho a testar em MS, não uma corrida generalizada como em MT. A base florestal do Estado ainda é dominada por grandes grupos de celulose e pelas próprias usinas. Ainda assim, contratos de fomento plurianual, o modelo usado pela Inpasa com silvicultoras parceiras, mostram um caminho possível para quem tem pasto degradado ou área marginal: vale perguntar diretamente às usinas da região sobre programas de fomento florestal.

Vinhaça também virou negócio. A Atvos anunciou a maior usina de biometano do mundo a partir de vinhaça em Nova Alvorada do Sul, com R\$ 350 milhões de investimento, sinal de que o complexo do etanol de milho em MS está monetizando resíduo além do combustível, um mercado a acompanhar para outros subprodutos agrícolas.

Vigilância fundiária. Com a área de eucalipto já em 1,99 milhão de hectares na safra 2025/2026 e crescendo cerca de 15% ao ano, segundo o SIGA-MS, produtores em municípios do corredor florestal-energético, Sidrolândia, Dourados, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo e Três Lagoas, devem acompanhar o efeito sobre preço e disputa por terra e arrendamento.

O que se recomenda observar

Três frentes merecem acompanhamento nas próximas safras: o ritmo de entrada das novas usinas anunciadas no estado, que define quando a demanda local por cavaco deixa de ser folgada; o preço da madeira energética na região de Três Lagoas e Ribas do Rio Pardo, termômetro mais sensível de qualquer aperto antes que ele apareça nas estatísticas estaduais; e a publicação de um estudo específico de balanço de biomassa para Mato Grosso do Sul, nos moldes do que o Itaú BBA já fez para o Mato Grosso, hoje ainda inexistente.

A Aprosoja/MS seguirá acompanhando a expansão do etanol de milho e seus efeitos sobre a demanda por biomassa florestal no Estado, para manter o produtor informado sobre os fatores que afetam a competitividade da produção em Mato Grosso do Sul.

Fontes e Referências

- Itaú BBA Consultoria Agropecuária, estudo sobre demanda de biomassa florestal para etanol de milho (citado por Forbes Agro e JornalCana, setembro de 2026);
- Aprosoja/MS – SIGA-MS (Sistema de Informação Geográfica do Agronegócio de Mato Grosso do Sul);
- Semadesc-MS, notas técnicas e releases sobre etanol de milho, silvicultura e biometano em Mato Grosso do Sul;
- The AgriBiz, reportagens sobre biomassa e etanol de milho (2026);
- Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), entrevista sobre biomassa e etanol de milho;
- Correio do Estado e Campo Grande News, reportagens sobre a expansão da área de floresta plantada em MS;
- CNA Brasil, panorama do etanol de milho no Brasil;
- Tribuna do Interior, a Rede e Be8 Energy, reportagens sobre as usinas de etanol de milho no Paraná e no Rio Grande do Sul;
- Revista Cultivar, Canal Rural e JornalCana, reportagens sobre eucalipto e etanol de milho em Mato Grosso.

Suporte Técnico

Coordenador Técnico

Gabriel Balta

Coordenador de Campo

Dany Corrêa

Analistas de Geoprocessamento

Eduardo Amorim

Eveline Bezerra

Staël Caroline Rego

Analista Técnico

Lucas Almeida

Lucas Santana

Assistente Técnico

Daniel Lopes

Equipe de Campo

Adriana Jara Freitas

Aldinei Ortiz Corrêa

Alexandre Santos Soares

Anne Karoline Moreira Silva

Augusto Laverde Munaro

Diego Nogueira Batistela

Davi Vicente de Oliveira

Geizibel Gomes Romero

Giovanny Vilela

Joice de Abreu Pião

José Alberto Pinto dos Santos

Lilian Ferreira Cioca

Patricia Vilela da Silva

Wesley Santos Vieira

Wesley Luan Santana

Suporte Administrativo

Gerente Institucional

Tauan Almeida

Coordenadora Financeira e Contábil

Teresinha Rohr

Coordenador Administrativo

Kelson Ventura

Assistente Financeira e Contábil

Gislaine Alencar

Assistente Administrativa

Valéria Henrique

Comunicação e Marketing

Coordenadora de Comunicação

Crislaine Oliveira

Assistentes de Comunicação

Marcos Maluf

Beatriz Julio

Estagiária

Carolina Toffanetto

Elaboração

Raphael Gimenes – **Analista de Economia**

economia2@aprosojams.org.br

Linneu Borges Filho – **Analista de Economia**

economia1@aprosojams.org.br

Diretoria Executiva

Diretor Presidente

Jorge Michelc

Vice-presidente

Andre Dobashi

1º Diretor Administrativo

Paulo Stefanello

2º Diretor Administrativo

Pompilio Silva

1º Diretor Financeiro

Fábio Caminha

2ª Diretora Financeira

Malena May

Diretores Regionais

Lucio Damália

Geraldo Loeff

Eduardo Introvini

Diogo Peixoto da Luz

Conselho Fiscal

Luciano Muzzi Mendes

Sérgio Luiz Marcon

Thaís Zenatti

Luis Alberto Moraes Novaes

Gervásio Kamitani

Fabio Carvalho Macedo

Conselho Consultivo

Juliano Schmaedecke

Christiano Bortolotto

Maurício Koji Saito

Almir Dalpasquale